

Considerações sobre a instrução na imprensa paraibana oitocentista (1849-1889)

Thiago Oliveira de Souza¹

Cláudia Engler Cury²

O presente artigo tem como finalidade expor os resultados iniciais da nossa pesquisa³ que busca apreender a cultura educacional presente na imprensa paraibana do oitocentos e a forma pela qual esse discurso educacional foi sendo construído, estudando a formação dos intelectuais paraibanos e suas atuações no periodismo paraibano.

A História da Educação, na contemporaneidade, tem se mostrado como uma área de pesquisa em franco processo de consolidação. A constituição do campo propriamente dito ganha força com a surgimento das primeiras pós-graduações em educação em fins da década 1960 e com a criação de grupos como o HISTEDBR⁴ e a ANPEd⁵, ambos na década de 1980. O nosso artigo procura contribuir com a escrita dessa história na Paraíba e estabelecer interfaces com as histórias de outras localidades do império.

O historiador que se dedica a estudar o dezenove busca, a partir de documentos, montar um verdadeiro quebra cabeça, tarefa árdua, mas prazerosa. Para tanto, trazemos a imprensa como fonte para os nossos estudos. Em termos nacionais temos os trabalhos do NEPHE⁶, por exemplo, que se utilizam largamente deste material como fonte de seus trabalhos. Sendo assim, a nossa discussão está inserida em nível local e propõe a utilização do periodismo como fonte valerosa para os estudos ligados à História da Educação.

A maior parte do nosso subsídio documental é fruto das pesquisas do GHENO⁷. Em linhas gerais, utilizamos na pesquisa um número superior a quinze periódicos, sendo

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba.

² Professora do PPGH/PPGE/UFPB.

³ “Imprensa e instrução: a cultura educacional presente nos textos jornalísticos paraibanos do século XIX”

⁴ Grupo de pesquisa “História, Sociedade e Educação no Brasil”.

⁵ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

⁶ Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação, pertencente a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

⁷ Grupo de História da Educação no Nordeste Oitocentista PPGH/UFPB.

que alguns já foram catalogados e digitalizados, fruto de visitas realizadas no Instituto Historiográfico e Geográfico Paraibano e no Arquivo dos Governadores, situado na Fundação Casa de José Américo. Outra parte das nossas fontes está em formato de micro-filmes, que ainda não foram devidamente trabalhados e representam uma nova etapa da nossa pesquisa.

O recorte temporal que pretendemos trabalhar abrange o período imperial, mais precisamente a partir de fins da década de 1849, com o jornal *O Reformista* e termina com a emergência da república em 15 de novembro de 1889. Período muito rico em produção jornalística na Província da Parahyba do Norte e com documentação relativamente abundante.

A nova fase da nossa pesquisa continua as pesquisas realizadas no PIBIC e que já foi materializada, de forma bastante inicial, em um Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso intitulado: *A Instrução paraibana contada através dos impressos jornalísticos do séc. XIX*. Para tanto, analisamos outros periódicos, fator que proporcionou alargar a nossa temporalidade e abarcar outras perspectivas que não foram contempladas em momentos anteriores.

O que proporciona uma singularidade a este artigo é nossa busca em compreender a forma pela qual a escrita dos textos em questão foi construída, diferenciando nosso atual material das produções outrora realizadas. Temos a intenção de apreender, mesmo que de forma parcial, a formação dos intelectuais paraibanos do século XIX. Nos estudos anteriores podemos dizer que uma parte considerável dos jornalistas que participavam da imprensa era da elite local. Sendo assim, para entendermos de que forma a cultura educacional era engendrada aos leitores da época julgamos necessário compreender a formação desses homens, fruto desse *lugar social* no século XIX. Trata-se de um trabalho que julgamos necessário, principalmente para compreender a noção de educação entendida e transmitida pelos jornalistas paraibanos do oitocentos.

Os periódicos paraibanos oitocentistas, além dos fatos políticos, davam muita atenção à instrução com a divulgação de matérias que vão de leis aos anúncios, abrangendo de forma satisfatória todas as áreas deste ramo. Como exemplo, temos⁸:

⁸ Jornal da Parahyba. 01/003/1882. 1º de Março.

(...) porque o homem tem tanta necessidade d'instrucção, quanto tem de alimento: se este serve para manter seu corpo, aquella serve para pô-lo ao conhecimento dos seus deveres, para dirigi-l em seus negócios, para fazê-lo, em fim, um ente útil á si, á família e á sociedade.

Podemos perceber, neste trecho, que a educação aparece atrelada aos deveres do cidadão. O jornalista responsável por esta resenha, publicada no ano de 1882, demonstra que a idéia de instrução do período era associar o homem de “bem” à instrução. Podemos dizer então que tal aspecto está correlacionando à cultura educacional do período, pois textos com esse teor são facilmente localizados em todas as décadas estudadas. A instrução aparece na imprensa como responsável por trazer para sociedade a luz da civilização. Além disso, temos textos em que os intelectuais rememoram o passado instrucional da província, atuando como agentes históricos na produção e divulgação dessa cultura educacional.

A partir da documentação existente podemos propor uma série de indagações: qual a idéia de instrução que os intelectuais paraibanos possuíam? A imprensa atuava como difusora desses ideais? A população tinha acesso a essa produção? Estas são algumas das questões que servirão de subsidio para nortear nossa pesquisa. Percebemos que os periódicos contribuíram de forma decisiva para a difusão dessa cultura educacional à época.

O presente artigo, como já foi aludido no inicio da nossa exposição, pretende estudar a imprensa, ou melhor, construir a história a partir dela que é algo corriqueiro e usual nos tempos atuais, mas nem sempre foi assim. Tal estudo só é possível a partir das renovações metodológicas proporcionadas inicialmente pela Escola dos Annales e a partir dos anos de 1990 pela influência da Nova História Cultural entre os pesquisadores brasileiros.

Lembramos que Gilberto Freyre foi um dos precursores, no Brasil, na utilização de *novas fontes e novos objetos*. Foi lendo os anúncios de escravos publicados em jornais que o autor analisou aspectos da sociedade oitocentista e a utilização desse tipo de fonte documental em suas obras abriu caminho para que os historiadores começassem a considerar a possibilidade de alargar as fontes tradicionalmente utilizadas. No entanto, muitos alertavam para os perigos da utilização do periodismo no fazer histórico. Luca (2005: 16) cita, por exemplo, o professor francês Jean Glénisson, que, segundo a autora:

Ao comentar os procedimentos críticos demandados pelos jornais, Glénisson ponderou que estes se revestiam de “complexidade desanimadora. Sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo (...)

Durante a primeira metade do século XX a utilização da imprensa era feita com ressalvas, mas aos poucos a ida aos periódicos se mostrou necessária, seja no intuito de confirmar antigas suposições, coletar dados econômicos ou aspectos da sociedade. Com os trabalhos realizados por pesquisadores já renomados no meio acadêmico como Stanley J. Stein e Emilia Viotti da Costa, por exemplo, que se valia de grande rigor metodológico, a utilização dos periódicos foi sendo aceita entre os historiadores de ofício, culminando com a importante obra de Nelson Werneck Sodré (1966), que alçou esta fonte como importante subsídio para suas pesquisas. Sendo assim, Luca (2005:118) assinala: “O estatuto da imprensa sofreu descolamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da história da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto de pesquisa histórica.”

Em nosso caso, trabalhamos a história da educação construída com o auxílio desta fonte, algo bastante comum para a historiografia contemporânea. Neste quesito, temos os trabalhos de Luciano Mendes Faria Filho (2002), Maria Helena Camara Bastos (2002), Wenceslau Gonçalves (2002) entre outros, que juntos, propõem a utilização desta fonte.

Sobre os jornalistas paraibanos, Mariano (2003: p. 89) assinala: “As pessoas que escreviam nos periódicos eram basicamente membros da elite que, geralmente, estavam no serviço público, e exerciam funções de bacharéis, médicos, militares, jornalistas, entre outras.” É uma fonte carregada de significações que para ser utilizada de forma correta é necessário entender sua forma de construção. Com o auxílio da Nova História Cultural nos aproximamos das representações sobre a instrução presentes nas matérias jornalísticas e pensamos por meio da operação historiográfica proposta por Certeau (2008) quem escrevia, para quem escrevia e para que escrevia.

A instrução estava restrita aos livres, desta forma, nada mais natural do que apenas homens de famílias importantes, ou ligadas a elas, escrevessem nos jornais. Para entender a natureza e origem dos discursos é interessante levarmos em consideração o *lugar social* proposto por Michel de Certeau (2008).

Toda pesquisa deve ser articulada com os meios pelos quais o conhecimento original foi produzido, sendo levada em consideração a sociedade e a conjuntura específica de inserção deste autor. Segundo Certeau (2008: 67): “É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam”. Na imprensa paraibana é comum encontrarmos jornalistas de famílias importantes e envolvidos na política.

Nesse ponto, para compreendermos o que era dito sobre a educação, ou melhor, a cultura educacional que se pretendia engendrar presente nos periódicos é necessário levarmos em consideração que muitos desses homens eram professores ligados à instrução secundária, o que contribui para a atenção dispensada por eles a alguns temas específicos. Como exemplo podemos citar o emblemático Sr. Eugênio Toscano de Brito, que além de professor e diretor do Externato Normal foi jornalista⁹:

Dr. Eugenio

Este nosso illustrado collega, que acaba de receber como homem politico e como funcionario publico, duas provas inconcussas e importantes dos seo merecimento e do seo direito...que reintegrou-o no lugar de professor vitalício do Lycêo (...)

Talvez por possuírem essa formação plural e estarem ligados ao magistério, em alguns casos, esses jornalistas relembram o passado educacional da província, seja para criticar ou propor soluções, proporcionando a análise da cultura educacional, que, segundo Pinheiro (2009 : 108):

Nesse sentido, compreendemos que a cultura educacional não se restringe à produção da historiografia pelo segmento vinculado às universidades e, principalmente, àqueles atrelados aos programas de pós-graduação, mesmo que esses sejam, hoje, mais reconhecidos socialmente como produtores de conhecimento e de saberes especializados. Partimos do pressuposto de que os artistas, os intelectuais e as pessoas simples, do povo, contribuem para a produção de leituras e de interpretações sobre o passado e o presente educacional.

Neste sentido, a imprensa paraibana atua como portadora dessa cultura educacional, pois percebemos que até no ato de criticar a situação provincial os jornalistas evocam o passado instrucional. É um movimento que nos ajuda a pensar de

⁹ Gazeta da Parahyba. Dr. Eugenio. 04 de maio de 1889

que forma os intelectuais pensavam a educação. Azevedo (1963: 45) assinala algo interessante:

É por isto, pelos elementos que o estudo da educação fornece a análise psicológica e social do caráter coletivo, que o sociólogo francês considera a história da educação como “uma das mais seguras vias de penetração na psicologia de um povo e na história de seu passado”.

A educação era vista e representada na imprensa como necessária para retirar os homens da “barbárie secular”, sendo capaz de trazer a civilização ao indivíduo. No Brasil imperial a instrução figurava como necessária para consolidar o Estado, até então em formação. Percebemos que ao instruir os homens a sociedade estaria livrando-os do caminho do crime e os tornando cidadãos.

Essas são algumas constatações que podemos aferir a partir das nossas fontes. São idéias transmitidas pela imprensa e divulgadas durante todo o recorte estudado. Desse modo, consideramos os jornalistas paraibanos como importantes produtores dessa cultura educacional. Ampliamos as possibilidades de estudo no momento em que consideramos esses intelectuais como atores desse processo, pois, segundo Pinheiro (2009: 111):

(...) o educador ou professor não deverá pensar que a cultura educacional está restrita àqueles que fizeram ou fazem a educação se efetivar enquanto prática social ou como reflexão histórico-filosófica. Nessa perspectiva entendemos que a cultura educacional é construída a partir de diversos atores sociais.

São esses diversos atores que ajudaram a escrever nosso trabalho. O próprio Fernando Azevedo, já referido anteriormente, foi jornalista, e segundo Filho & Vidal (2003: 53):

A escrita de *A Cultura Brasileira* recebeu ainda outra marca: a experiência jornalística de Azevedo. Integrante de uma intelectualidade que nos anos de 1920 (e até os anos de 1960) se utilizava prioritariamente do jornal para difusão de idéias e propostas (...).

Além de jornalista Fernando de Azevedo foi educador, utilizando a imprensa como um importante meio difusor de suas idéias. Sendo assim, a trajetória intelectual do autor reforça o nosso ponto de vista que considera os jornalistas como elementos importantes na constituição de uma determinada cultura educacional.

O conceito de cultura educacional nos proporciona dar outra visão a essa documentação, tendo em vista que o grande número de pesquisas realizadas utilizando

esta fonte busca apenas aspectos políticos. É um novo olhar sobre algo já estudado, buscando ampliar as possibilidades de interpretações sobre o nosso passado educacional.

A imprensa paraibana oitocentista foi muito fértil, sendo portadora de discursos e práticas que, de certa forma, ecoavam na sociedade. Entender a maneira pela qual a educação era vista pelos paraibanos oitocentistas é a nossa pretensão.

A imprensa paraibana oitocentista foi bastante diversificada. Circularam durante o recorte estudado, segundo José Leal (1962), cerca de 80 publicações, que surgiam e desapareciam na mesma velocidade. Por se tratar do único meio de comunicação do período, Aranha (2005) diz que existia “uma verdadeira febre jornalística”. Desse modo, graças à abundância de fontes, trabalhamos com anúncios, resenhas e crônicas políticas, leis, regulamentos, decretos, mensagens e relatórios que juntos nos ajudarão a entender como a instrução figurava nos jornais.

Participava dessa imprensa, na maioria dos casos, uma elite intelectualizada composta por bacharéis que acumulavam diversas formações. Temos textos de médicos, juízes, delegados, políticos entre outros que atuavam como professores e escreviam nos jornais. São textos diversos, embora vinculados, em alguns casos, aos partidos políticos, que em determinadas situações criticavam a pouca atenção dispensada à educação, assumindo assim uma postura fiscalizadora.

Na nossa pesquisa, até o momento, catalogou onze jornais sendo que cada um deles com características e linhas editoriais bastante próprias. Sobre este material, destacamos:

Nome	Matérias localizadas	Recorte
Arauto Parahybano	25	1888
A Imprensa	4	1858
A Opinião	29	1877
A Regeneração	140	1861-1862
A União Liberal	16	1879
Diario da Parahyba	147	1884-1885
Gazeta da Parahyba	268	1888-1889
Jornal da Parahyba	567	1881-1882-1883-1886-1887
O Despertador	1	1869
O Imparcial	55	1861
O Publicador	125	1884-1885-1886
Total de matérias localizadas	1377	

Podemos citar o jornal *Arauto Parahybano* - periódico abolicionista que trás matérias relevantes sobre a relação liberdade x instrução; o *Jornal da Parahyba* - jornal com postura oficial que contribuirá com leis, regulamentos e relatórios; a *Gazeta da Parahyba* - primeiro jornal com circulação diária na província e com forte teor político; *O Publicador* que juntamente com o Jornal da Parahyba foi um dos mais longevos da província e demonstra grande faceta educativa, contendo inúmeras listas de exames preparatórios e resenhas entre outros temas.

Localizamos também os jornais como *O Tempo*, *A Parahyba*, *O Correio Noticioso*, *O Liberal Parahybano*, *O Reformista*, *O Estudante*, *Gazeta do Sertão* e *O Governista Parahybano*, que ainda serão fruto de análise de nossa parte.

O trabalho do historiador começa com o ato de estabelecer as fontes, de “fabricar” documentos. Os jornais paraibanos não foram concebidos como fontes por seus produtores, nasceram com a intenção de informar a sociedade dos fatos e cotidiano da província. O historiador que estuda século XIX os retira de seu estatuto inicial, sendo esse o seu primeiro trabalho. Segundo Certeau (2008:81): “Na realidade, ela consisti em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto”.

As matérias jornalísticas que estão sendo utilizadas em nossa pesquisa foram catalogadas e fotografadas em sua integralidade. No total, temos à nossa disposição inicialmente 1377 notícias em que a instrução figura como protagonista. Se levarmos em consideração os micro-filmes disponibilizados nosso *corpus* documental tende a aumentar consideravelmente. Nesse movimento, selecionamos a princípio apenas as resenhas e crônicas, excluindo, desse modo, uma parte da documentação oficial presente nos periódicos. Mesmo com essa seleção o nosso trabalho ainda será considerável, tendo em vista que tal material ultrapassa a casa dos cem textos.

Evidenciamos anteriormente que o nosso estudo também está pautado na intelectualidade paraibana que escrevia na imprensa. No entanto, identificar os autores a partir do próprio jornal é uma tarefa complicada, pois era comum a omissão da autoria ou o uso frequente de pseudônimos. Segundo Barbosa (2007: p.32): “Esta prática parece ser menos uma ‘fraqueza’ ou ‘defeito’ da imprensa brasileira, do que uma marca da linguagem jornalística no século XIX”. A partir do momento que temos a utilização de pseudônimos a tendência é que o autor seja esquecido pelo anonimato, seja ele voluntário ou não.

Na tentativa de sanar este problema recorreremos a outras fontes, como o *Pequeno dicionário dos escritores / jornalistas da Paraíba do século XIX* (2009), como uma das maneiras possíveis de estabelecermos relação entre os intelectuais e a instrução na busca de vestígios que pudessem nos indicar a sua presença no magistério provincial, analisando como forma de apoio às fontes oficiais localizadas no Arquivo da FUNESC¹⁰.

Neste momento, nosso trabalho se volta para o entendimento de como esses intelectuais atuavam na educação e na imprensa, tendo em vista que já encontramos vestígios de professores que lecionavam e, ao mesmo tempo, exerciam suas funções no periodismo paraibano.

Desse modo, para concluir nossa exposição, elaboramos a seguinte tabela que ainda precisa ser mais bem esmiuçada (SOUZA, 2010: 13-14):

¹⁰ Fundação Espaço Cultural da Paraíba.

Tabela 1: Jornalistas, periódicos e suas respectivas ocupações.

Nome	Periódico	Ocupação
Artur Achilles dos Santos	A Parahyba, O Liberal Parahybano, Gazeta da Manhã, O Parahybano e a Gazeta da Parahyba (entre outros).	Filósofo, político e diretor do Arquivo Público
João Antônio Baptista	Jornal da Parahyba	Não identificada
Eugênio Toscano de Brito	Gazeta da Parahyba (também mencionado em outros periódicos).	Médico, professor, Deputado Provincial, Inspetor da Saúde Pública e do Porto, Diretor da Instrução Pública e da Escola Normal (entre outros cargos)
Felizardo Toscano de Brito	O Argos Parahybano, O Comércio e O Despertador	Político e professor
Eliseu Elias César	O Sorriso, A Gazeta da Parahyba e Estado da Parahyba (entre outros).	Promotor Público, Deputado e Advogado
Antonio da Cruz Cordeiro Sênior	O Publicador	Médico do Hospital da Santa Casa da Misericórdia (além de exercer a medicina em outras repartições) e Deputado
Antonio da Cruz Cordeiro Júnior	O Parahybano e a Gazeta da Parahyba	Médico, poeta e crítico literário.
José da Costa Júnior	O Despertador e A Opinião (entre outros)	Deputado e Juiz Municipal
Silvino Elvídio Carneiro da Cunha	A Imprensa e o Jornal da Parahyba	Presidente de Província, Advogado e Inspetor da Alfandega.
Enéas Arrochelas Galvão	O Publicador	Bacharel em Direito, Promotor de Justiça da Comarca de Bananeiras, Professor, Deputado, Juiz Municipal, Auditor de Guerra da Capital Federal e Ministro do Supremo Tribunal Militar
Pe. Leonardo Antunes Henriques	Jornal da Parahyba	Padre, professor, Deputado Provincial, Procurado Fiscal da Fazenda, Provedor Fiscal, Advogado (entre outras funções).
Benjamim Franflin d' Oliveira Mello	O Despertador	Juiz de Direito de Pombal e Chefe de Policia.
Pe. Lindolfo José Correia das Neves	O Mercantil Parahybano e O Publicador	Padre, Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas, Advogado, Deputado, Juiz de Paz da Cidade da Parahyba e Procurador Fiscal da Fazenda Geral
Antonio Elias Pessoa	O Sorriso e o Arauto Parahybano	Professor
Manoel Pedro Cardoso Vieira	A Opinião, A União Liberal e O Despertador	Professor, Advogado e Deputado
José Ferreira Novaes	A Parahyba e O Publicador	Professor, Bacharel em Direito, Deputado, Chefe de Sessão da Secretaria do Governo, Promotor Público e Provedor da Santa Casa de Misericórdia.

Sendo assim, trabalhamos com o conceito de cultura educacional indicado por Pinheiro (2008), buscando compreender de que forma e educação, ou melhor, a

instrução era referenciada na imprensa paraibana oitocentista. Através dos indícios encontrados buscamos reconstruir um pouco do nosso passado educacional. Encontrar as relações existentes entre os jornalistas paraibanos e os escritos educacionais foi nosso principal objetivo e buscamos, no decorrer da nossa pesquisa, aprofundar nossas análises e contribuir com a escrita desta história.

Referências bibliográficas

ARANHA, Gervácio Batista. *Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e Outras Conquistas Materiais e Simbólicas (1880-1925)*. In: Ó, Alarcon Agra do, et alli. *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*. 3^o ed. João Pessoa: Idéia, 2005.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Brasília: Editora da UnB, 1963. [Introdução: p. 29-50].

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

_____ (org). *Pequeno dicionário dos escritores / jornalistas da Paraíba do século XIX: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand*. João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/>.

BASTOS, Maria Helena Camara. *Espelho de papel: A imprensa e a história da educação*. In: JÚNIOR, Décio Gatti & ARAUJO, José Carlos Souza (orgs). *Novos temas em história da educação brasileira: Instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: Edufu, 2002. p. 151-174.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. *História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)*. In. *Revista Brasileira de História*. – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 23, nº 45, 2003.

_____. *O Jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX: Uma introdução*. In: JÚNIOR, Décio Gatti & ARAUJO, José Carlos Souza (orgs). *Novos temas em história da educação brasileira: Instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: Edufu, 2002. p. 133-150.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Imprensa, Civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX*. In: JÚNIOR, Décio Gatti & ARAUJO, José Carlos Souza (orgs). *Novos temas em história da educação brasileira: Instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: Edufu, 2002. p. 197-225.

LEAL, José. *A imprensa na Paraíba*. João Pessoa: A União. 1962.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSK, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARIANO, Serioja; SÁ, Ariane Norma de Menezes (orgs). *Histórias da Paraíba: Autores e Análises sobre o Século XIX*. João Pessoa: Ed. Universitária – UFPB, 2003.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. Instrução e cultura escolar: considerações sobre cultura educacional no oitocentos. In. CURY, Cláudia Engler; MARIANO, Serioja. *Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB. 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1966.

SOUZA, Thiago Oliveira de. *A Instrução Paraibana contada através dos impressos jornalísticos do século XIX (1858-1889)*. Monografia. João Pessoa: DH/UFPB. 2010.